

XI Congresso LAB de Ciências Sociais

Salvador da Bahia, Brasil

7 a 10 Agosto de 2011

PARTIR, CHEGAR E VOLTAR: BRASILEIROS EM PORTUGAL

Ricardo Vieira
CIID e ESECS, IPL, Portugal
rvieira@ipleiria.pt

Cristóvão Margarido
CIID e ESECS, IPL, Portugal
cmargarido@eseecs.ipleiria.pt

1. O contexto

Com o objectivo de compreender a reconstrução identitária de brasileiros em Portugal, apresentamos de seguida parte da análise de uma entrevista etnobiográfica realizada com Márcio, procurando mostrar um retrato socioantropológico de um imigrante brasileiro que vive actualmente em Leiria, um entre outros diferentes retratos de que damos conta noutros espaços¹.

É pensada, primeiro, a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o oblato), seja rejeitando a de chegada num dado momento (o monocultural, de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida, num *self* intercultural (o trãnsfuga intercultural).

Procura-se mostrar o jogo das fronteiras simbólicas de imigrantes que se assumem ora como brasileiros em Portugal, ora como luso-brasileiros, ora como cidadãos do mundo, idealizando a utopia de uma “imigrónia” onde os imigrantes, os considerados “sem terra”, fossem reconhecidos como tendo identidades compósitas e mestiças e capazes de se adaptar a vários territórios identitários para além dos da cultura de origem.

¹ Esta pesquisa insere-se no projecto de investigação “Partir, chegar, voltar: metamorfoses identitárias de imigrantes” do CIID – Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s) do IPL – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal (www.ciid.ipleiria.pt).

Integrado no projecto, está a ser realizado um documentário videogravado sobre vidas de imigrantes brasileiros em Portugal.

Através de entrevistas filmadas, com vista à conclusão do documentário “Partir, Chegar e Voltar”, que mostra a identidade em trânsito de brasileiros que buscaram Portugal como projecto, incidimos, neste texto, sobre o caso de Márcio que se identifica hoje muito mais com Portugal do que com o Brasil do Rio de Janeiro donde partiu para realizar o curso de mestrado no Brasil.

2. A Identidade como processo de reconstrução e mestiçagem

Entendemos a identidade como uma construção complexa, que se funda na relação com o outro, e não um estado existencial e essencialista. Conforme refere Vieira (1999b: 58), “se a identidade implica alguma constância, não se trata no entanto duma repetição indefinida do mesmo, mas antes dialéctica, por integração do outro no eu, da mudança na continuidade”. Quem experimenta contextos migratórios, mediante múltiplas referências culturais e situações complexas, tende para o hibridismo identitário (HALL, 2003) ou para a mestiçagem (LAPLANTINE; NOUSS, 2002). Conforme destaca Hall (2003, p. 27) “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Neste sentido, a busca dos sentidos e pertenças identitárias torna-se complexa, requerendo dos sujeitos um trabalho de reflexividade e (re)construção de si constante, apelando a mecanismos próprios que lhe permitam gerir as suas subjectividades e idiossincrasias. Tendo em conta que os migrantes “têm um pé em cada local” (SARUP, 1996, p. 7), presume-se que aconteça uma radicalização das suas identidades híbridas e mestiças, pelo “processo de pluralização dos espaços estruturais onde se forma a identidade” (STOER; MAGALHÃES, 2005, p. 106).

O eu plural (LAHIRE, 2002) (re)inventa-se, a cada momento, numa multiplicidade de pertenças e espaços simbólicos, num processo contínuo de mestiçagem (LAPLANTINE; NOUSS, 2002; e VIEIRA, 2009): cada um é aquilo que é pelas relações que estabelece e pela forma original com que se apropria do outro, tornando-o seu, num balanço contínuo para que o projecto de vida faça sentido. Como sublinha Wieviorka,

“A mestiçagem autoriza, portanto, a mudança e a transformação cultural, mas pela base, quer dizer através do processo de ordem individual, ainda que estes se repitam o bastante para darem a impressão de um processo de grupo [...]. A mestiçagem seria, por outras palavras, factor de subjectivação, na medida em que confere ao sujeito a faculdade de se construir e de se traduzir em actos” (WIEVIORKA, 2002, p. 92).

A identidade assume-se como um processo mutável, multidimensional, resultante de uma construção social e, resultante, assim, também, da sua complexidade. Neste quadro, os sujeitos procuram uma coerência identitária através do desenvolvimento de uma segurança ontológica que possibilita a “continuidade da sua auto-identidade pessoal” (GIDDENS, 1992, p. 64). Desta forma, a identidade “não é uma constância mecânica, uma repetição indefinida do mesmo, mas dialéctica pela integração do outro no mesmo, da mudança na continuidade” (CAMILLERI, 1989, p. 44).

3. O Márcio Lopes

Márcio Lopes é natural do Rio de Janeiro. É casado com uma brasileira que, em termos formais, é portuguesa. É filha de pais portugueses e, segundo Márcio, sente-se portuguesa. O casal tem uma filha, com 5 meses.

Os pais de Márcio vivem no Brasil assim como a sua única irmã, sete anos mais nova. Márcio admite a insistente esperança por parte da mãe e da irmã no seu regresso ao país de origem: “Ela e a minha mãe sentem mais a saudade que eu...”. No entanto, a convicção no retorno de Márcio já não é a mesma de antes.

Começou a trabalhar muito cedo. Com 15 anos já trabalhava numa mercearia. Entrou na universidade e, um ano mais tarde, com 17 anos, começou novamente a trabalhar, em regime nocturno. Desenvolveu actividade profissional ligada ao comércio internacional. É imigrante da primeira vaga, do início dos anos 80, e Portugal foi a segunda opção de escolha.

Márcio licenciou-se em Economia, na Universidade Gama Filho, pedindo equivalência da sua formação inicial, após a chegada a Portugal, na Faculdade de Economia de Coimbra. Fez o mestrado em Economia Europeia, na mesma faculdade.

Vive em Portugal há 14 anos e o projecto de vida passa, presentemente, por Portugal, onde é professor do Ensino Superior.

3.1. O(s) projecto(s) em definição...

Com 15 anos, Márcio já tinha um projecto de vida: “[...] sempre tive essa inquietação de sair. Eu sou do Rio de Janeiro, sempre pensei em sair de lá”.

Inicialmente, o primeiro projecto de saída de Márcio visava São Paulo; Márcio projectava fazê-lo entre seus 17 a 20 anos: “[...] quem está no Brasil sabe que a dinâmica acontece em S. Paulo, S. Paulo é o Down Town e então eu tinha a pancada de ir para S. Paulo trabalhar, porque era outro espírito”. No entanto, a primeira saída, do

Rio de Janeiro, deu-se com a ida para a universidade, em Niterói, a 50 km da sua residência familiar. Durante 4 anos viveu entre estudos e emprego: “[...] eu saía de Niterói às 7 da manhã, trabalhava, à noite ia para a faculdade, chegava a casa à meia-noite, durante 4 anos foi essa a minha vivência fora de casa, fora do bairro”.

Márcio considera que teve sorte (“[...] na linguagem de futebol a sorte dá muito trabalho [...]”), pois em Portugal o seu esforço, ao longo do mestrado, veio a gerar frutos. O seu investimento veio a destacar o seu potencial intelectual no mestrado, o que lhe deu a possibilidade de “abrir horizontes” e atingir uma ambição: a docência no Ensino Superior.

“Tive a sorte de ser um dos melhores alunos do mestrado, e na altura o ISLA estava em fase de arranque, assim como o IPL e nessa altura um amigo meu, aqui de Leiria, perguntou-me se eu não queria dar umas aulas, porque tinha destaque enquanto aluno de mestrado”

Em termos de modelos significativos, Márcio recorda três professores: um do secundário e outro do superior. O do ensino secundário era professor de matemática, contava Márcio com 14 anos. Este foi um professor marcante que lhe transmitiu o rigor e a disciplina. Mas era um homem que manifestava o rigor através da violência física. Todavia, Márcio apreendeu/encarou esse gesto manifestado, por parte do professor, de forma construtiva/formativa.

O outro professor referido como marcante foi o professor Artur, docente na faculdade de Márcio, “[...] era um bom professor, explicava bem, eu gostava das aulas dele”. Mas talvez tenha sido com um terceiro professor que ele lhe tenha concebido o sonho de ser professor universitário:

“No início de carreira enquanto docente tenho que confessar que era a tentativa de colagem, como eu o tinha [Júlio Mota] como modelo de bom professor, portanto também queria ser bom professor, logo colava-me a essas imagens. Foi preciso algum tempo para eu criar a minha autonomia enquanto professor. E hoje considero-me autónomo. [...] Estar em sala de aula é também em certo modo representar. [...] Durante algum tempo foi [importante] sim. Sentia-me falso. Porque estar em sala de aula é representar e eu estava a fazer uma espécie de representação de Paulinho Sexto, ou seja representar já o representado (risos). Houve uma altura, digamos que em termos de tempo 97/98 eu sentia essa necessidade interior enquanto professor de me descolar. [...] [hoje] sinto-me apaziguado em relação a essa minha consciência de representação que faço quando entro na sala de aula”.

A imigração de Márcio não se deveu a uma questão só de busca de autonomia. Justifica a saída do Brasil com a inquietação que sempre sentiu na sua forma de viver e projectar a vida: “[...] é aquele bichinho... Se calhar esteve por trás da minha decisão de sair do Brasil”.

3.2. A decisão pela partida

A tomada de decisão de Márcio pela emigração tem a ver com questões relacionadas com a pós-graduação. Após a sua licenciatura no Brasil, a sua inicial pretensão era ir estudar Economia nos Estados Unidos da América.

“Eu vim para Portugal porque eu pertença a uma vaga de imigração obcecada pelos Estados Unidos, o fascínio que os EUA exercem de uma forma perniciososa sobre toda a América Latina e sobre o Brasil. Eu queria ir estudar Economia nos EUA, na altura tinha a minha poupança, tinha um carro e fiz contas à vida, e vi que não tinha condições, não consegui bolsa, para ir para os EUA. No entanto a minha mulher é filha de um emigrante português, e eu conheço ela há muitos anos, eu fui ao aniversário de 15 anos dela [...] ela é de lá, mas filha de um emigrante da Póvoa do Varzim, e então durante o namoro com a minha actual esposa, fui tomando contacto com Portugal, através do pai dela. No Brasil há uma revista já muito antiga, que é uma espécie de clone da *National Geographic*, que se chama Geográfica Universal, tem capa vermelha e as mesmas dimensões, e eu era coleccionador dessa revista e não me esqueço nunca, ainda devo ter essa revista guardada lá em casa da minha mãe.

E lembro-me de ter lido uma reportagem sobre Portugal Pós-CEE, isso em 1987, eu fui para a universidade em 86, e a reportagem falava sobre um Portugal moderno. O estereótipo que se fazia na altura de Portugal no Brasil era o Portugal rural, um estereótipo construído em função dos portugueses que residem no Brasil.

Hoje posso dizer categoricamente que foi através de uma revista, através de um meio de comunicação que a minha imagem de Portugal mudou. Isto não me sai da memória. Portugal passou a ser um leque de opção a mais”.

Portugal foi, assim, a segunda opção de emigração. Numa fase inicial, Márcio tinha como intenção emigrar e regressar após o mestrado. A inexistência de um mestrado direccionado para a economia europeia, no Brasil, foi um dos motores que levou Márcio a buscar, em Coimbra, maiores oportunidades de um futuro promissor.

“[...] havia mestrados de economia em Lisboa, Porto e em Coimbra um mestrado em Economia Europeia, e eu pensei: *um mestrado em economia também há aqui muitos no Brasil, agora mestrado em Economia Europeia*

não há nenhum no Brasil, é para ele que eu vou. Vou, faço o mestrado e quando voltar sou o rei do Brasil, o único brasileiro com mestrado em Economia Europeia”.

Um ano foi quanto demorou o processo de candidatura ao mestrado. Márcio tinha sido aceite no mestrado e tinha de decidir:

“Então, mudei de vida, despedi-me, agarrei nas minhas poupançazitas, vendi o carro, a relação de namoro também terminou e fiquei livre para o mundo. Agarrei nas malas e vim embora. E a outra memória que não me vai sair da cabeça, em termos de sentimento, eu nunca tinha saído para fora do Brasil, tinha sido a primeira vez, eu tinha 23 anos na altura. E eu tinha uma missão, a minha missão era sair do Rio e chegar a Coimbra [...]”.

Com a chegada a Portugal, mais propriamente a Coimbra, Márcio passou os seus primeiros dez dias de estadia numa pensão, que lhe gastou cerca de metade das poupanças que tinha trazido consigo. A dada altura, encontrou dois brasileiros e começou a integrar-se no “modelo típico de vida de estudante”: “[...] dos quartos, das repúblicas, das cantinas [...]”. Toda esta singularidade de situações, pelo qual Márcio nunca tivera vivido antes, fazem-no encarar, esta sua viagem entre os dois contextos, como uma nova etapa na sua vida: “[...] para mim era uma vida nova, eu nunca tinha sido estudante a full-time, era uma vida nova para mim, eu tirei a minha licenciatura a trabalhar, eu passei a ser estudante a full-time, passei a estar armado em estudante, já com 23 anos de idade no mestrado.

Aparentemente, com a sua chegada a Portugal, parece não ter havido qualquer contraste com a representação que tinha do país, “[...] não houve desencanto nenhum, [Portugal] era mais ou menos aquilo que eu esperava [...]”. Atendendo que, durante a licenciatura, no Brasil, a sua vida académica não foi vivida com grande êxtase, foi em Coimbra que Márcio se deparou com admiração com todo o espírito estudantil vivido naquela cidade.

“De certo modo fiquei encantado, com Coimbra, com a cidade em si, com o ambiente estudantil, era tudo muito novo para mim, eu não tinha passado por isto, a minha vida estudantil foi muito a correr, chegava à universidade ia para as aulas, saía e ia para casa, terminava as aulas às 11 da noite...”

3.3. A fuga ou a invenção da terceira margem

Do ponto de vista social, Márcio considera que a nacionalidade é apenas uma das esferas da sua identidade: “Eu acho que é o Márcio em várias esferas, mas também é o Márcio brasileiro”. Neste sentido, a adjectivação do “brasileiro” compõe-se enquanto uma condição objectiva das várias esferas que habitam na(s) identidade(s) de Márcio.

Apesar desta conotação, de cariz mais objectivo, as condições subjectivas também estão subjacentes. Do entendimento que retém, Márcio afirma “[...] nunca vou deixar de ser brasileiro [...]. Todavia, não pretende que a sua origem seja encarada como apenas um facto, isolado de tudo o resto: “[...] a minha identificação de brasileiro está associada à minha nascença, o facto de eu ter nascido no Brasil, não quer dizer que eu tenha o apelo da terra”.

Esta identificação com a primeira margem, designadamente também associada aos laços familiares, serve de ponte de ligação entre estes dois mundos que, contudo, parecem viver separadamente na sua mente cultural (ITURRA, 1990). Assim, Márcio enuncia que os apelos, catalisadores da cultura de origem, são “[...] as memórias, a família, os vivos e os mortos”, mas que não são já suficientes para construir um projecto de regresso.

A transformação identitária nem sempre é visível para os próprios que a vivem. A interacção, e neste caso, entrevista como conversa (BURGESS, 2001a e b) estimulou a sua reflexividade e a consciência de si. Márcio admite essa mudança em si mesmo.

“[...] sinto-me transformado. Depois também passou por fases, houve uma fase inicial quando eu já estava em processo de transformação. Essa transformação existe no primeiro instante que tu pões o pé numa terra que não é a tua, tu já estás em processo de transformação.

3.4. A gestão das pertenças

Márcio considera que na cidade de Leiria parece não existir grande interacção entre brasileiros e portugueses. Mas afirma nunca se ter sentido discriminado, no sentido literal da palavra. Quem ouvir falar Márcio, em Portugal, não dirá, de imediato, que é brasileiro. A transformação que operou na língua, ainda que seja, também, uma mestiçagem cultural como, de alguma forma, em todas as aculturações, aproximou-se mais do linguajar do típico português do que do brasileiro ou de um sincretismo entre as duas. Embora Márcio sinta a ambiguidade identitária observada pelos outros², que não o situam monoliticamente num registo único, a sua transformação indumentária e linguística aproximou-o mais da cultura portuguesa do que da brasileira. De resto, relativamente à brasileira parece haver um certo repúdio. Quando se fala, de forma comparada, sobre a cultura portuguesa e a cultura brasileira, Márcio assume que os brasileiros são mais expansivos e, com um tom algo crítico, refere que também “se

² Diz que, no Brasil, é considerado “não brasileiro” e que, em Portugal, é considerado como “não português”.

metem facilmente na vida dos outros”:

“A última vez que estive no Brasil, eu estava ao pé do semáforo, à espera que aquilo abrisse para eu atravessar e estava um sujeito, um desses sujeitos da Câmara, a limpar a rua com uma vassoura e o senhor estava mesmo ao pé de mim a limpar o passeio, meteu conversa comigo... a falar da vida dele, a dizer que estava com um problema qualquer. Ele assim: *Eh, você não sabe da minha vida...! Eu estou aqui a trabalhar, mas eu não era para eu estar aqui.* A falar comigo assim ... [...] inicialmente assustei-me com aquilo, depois levou algum tempo a realizar: *o que é que o senhor está a falar?* [risos]. E só, depois, eu percebi que, aquilo, é o brasileiro genuíno. É o brasileiro genuíno, a meter conversa com qualquer um... Isto cá é impensável”.

Há, como vemos, uma certa crítica em relação ao que considera “o brasileiro genuíno”. Já não (ou, pelo menos, agora) se identifica com esse tipo de comportamento. Talvez por isso, ao contrário de muitos brasileiros ou imigrantes com origem brasileira, Márcio não tem laços sociais com brasileiros em Portugal: “Eu não tenho um único amigo brasileiro em Portugal”. Neste prisma, ao se identificar mais com a cultura de chegada e ao parecer renegar a cultura de origem, Márcio assume-se como um oblato (VIEIRA, 1999a e b; VIEIRA; TRINDADE, 2008; VIEIRA, 2009).

Aparentemente, existiu uma preocupação inicial em desnaturalizar a própria língua, não só como uma forma de afirmação mas, também, de integração “[...] e depois passa a ser um processo natural”. O Márcio fala quase sem sotaque brasileiro, pelo menos esse sotaque que estamos habituados a ouvir a alguém que vem do Rio de Janeiro.

Márcio classifica de “geração etnicamente ambígua” as pessoas que dificilmente se enquadram numa única pertença, tal como acontece consigo próprio. Quando, na entrevista, reflectíamos sobre as suas transformações identitárias, Márcio respondeu:

“[...] eu sou aquilo que falávamos um dia em que agora os EUA são os especialistas em produzir gerações, os hippies, os yuppies, geraçãoX, geraçãoY e, agora, a geração etnicamente ambígua. É a Cristina Aguilera, a Jennifer Lopez, a Beyoncé, ninguém sabe de onde é, as pessoas olham e de onde é aquilo? Ninguém sabe de onde é que é. E eu hoje sou etnicamente ambíguo porque eu chego ao Brasil e não sou brasileiro, para quem não me conhece, se eu chegar hoje ao Brasil e falar eu não sou brasileiro, e cá em Portugal, se eu falar não sou português”.

A mestiçagem cultural não é fusão, é disjunção. A mestiçagem é fuga e criação (LAPLANTINE; NOUSS, 2002; e VIEIRA, 2009). Essa fuga só se torna consciente quando os olhares e discursos que os outros nos devolvem, quer os da primeira, quer os da segunda margem, nos dizem que não pertencemos nem a uma nem à outra cultura.

Mas nem todos os humanos conseguem criar essa terceira dimensão para se sentirem bem, para conseguirem dar sentido a biculturalidade num eu intercultural (VIEIRA, 2011). Só em alguns casos essa dupla pertença, geradora de ambiguidade, quando objectivada, leva à descolagem para uma terceira margem do rio, como diz Guimarães Rosa (1988). No caso do Márcio, parece-nos que o self ganha mais sentido na identificação com a cultura portuguesa e num certo distanciamento em relação à cultura de partida, aproximando-se, muitas vezes, do recorte do modelo do oblato (VIEIRA e TRINDADE, 2008; VIEIRA e MENDES, 2010; VIEIRA, 2011).

Apesar de estar em Portugal há quase 20 anos, Márcio não se considera luso-brasileiro. Refere que, quando vai ao Brasil, as pessoas o encaram como estrangeiro, o que sucede, também, quando está em Portugal. Estamos, assim, perante olhares centrados num modelo da multiculturalidade (ou de biculturalidade) identitária, em termos objectivantes, quer dizer, em termos dum potencial observador externo que o visse a agir nos dois contextos. Mas na observação de cada contexto, isoladamente, o Márcio é visto como o estrangeiro. Do ponto de vista da auto-identificação, ou da identidade para si (DUBAR, 2000) como vimos, Márcio não busca a síntese ou a mestiçagem que alguns consideram com a utilização do epíteto “luso-brasileiro”: “[...] não me considero luso-brasileiro”. O seu discurso aponta para uma explicação mais assente na falta de entendimento dos outros que o vêem como sendo da margem oposta, seja/esteja no Brasil ou em Portugal.

A dupla pertença, Brasil-Portugal, é geradora de ambiguidade. Esta ambiguidade torna-se, assim, visível quando Márcio viaja para o Brasil e não é reconhecido como brasileiro; o mesmo se sucede em Portugal, não sendo considerado como português.

“[...] aos olhos dos outros sou etnicamente ambíguo do ponto de vista da oralidade [risos]. Por exemplo tenho amigos no Rio de Janeiro, da última vez que tive lá fui dar uma aula numa pós-graduação numa aula de economia. Depois esse meu amigo ao apresentar-me perante os meus colegas da universidade dizia: *‘olhem está aqui o meu amigo português’*”.

Formalmente, Márcio afirma que é brasileiro: “[...] toda a minha documentação é brasileira [...]”. Sentindo-se quase forçado em encontrar um lugar epistemológico e identitário para que os outros o entendam de forma não monolítica, Márcio adianta, de forma quase contraditória, “[...] no meu íntimo sim luso-brasileiro.” O que Márcio querará afirmar é que não é apenas uma coisa simples (MAALOUF, 2002). É brasileiro mas, também, é português. O discurso para veicular a identidade é, inevitavelmente,

condicionado pelas imagens e pelos discursos que os outros nos devolvem (CAMILLERI et al., 1990; DUBAR, 2000). Daí a aparente contradição entre começar por dizer que não é luso-brasileiro, mas acabar por afirmá-lo quando não encontra outra classificação que dê conta da sua identidade bicultural: “Hoje em qualquer parte do mundo que eu estiver se alguém disser mal de Portugal eu sinto aquela manchinha... tal e qual como se disserem mal do Brasil. Isto vai-se construindo cá dentro”. Márcio sente igualmente incómodo quando são pronunciadas opiniões menos positivas quer sobre um quer sobre o outro país. Mostra sentir-se identificado com as duas margens (SERRES, 1993):

“Quando alguém diz mal de nós ou do nosso país, por mais que nós sejamos críticos em relação ao nosso país tendemos o afastamento porque existe uma mancha que fica e hoje em dia sinto-me tão incomodado se falarem mal do Brasil como de Portugal, ou seja, quando eu vou ao Brasil e algum brasileiro tece uma crítica negativa a Portugal, isto toca. Do mesmo modo que alguém em Portugal se fizer uma crítica negativa ao Brasil isto também me toca. Mas não invalida o facto de não me considerar português”.

3.4.1. A construção do Oblato

Márcio refere que, ao longo da sua trajectória de vida pelo território português, tem vindo a observar que o imigrante tem como inimigo a saudade e para que a integração no país de chegada seja possível, é necessário viver a vida de forma harmoniosa sem grande apego à partida (VIEIRA, 2009). Márcio defende que, para que exista algum “sucesso” na imigração, deve existir, sobretudo, uma gestão mental e emocional, de modo a que a vida diária dos sujeitos esteja liberta do “apelo à terra”. De contrário, o processo migratório pode ser curto e de pouco sucesso:

“[...] tenho observado que, sobretudo entre os brasileiros, a saudade é inimiga da imigração e do Imigrante, ou seja, o imigrante que se quer integrar num outro país, que quer viver a sua vida em harmonia no seu quotidiano, não pode alimentar a saudade, ou não deve alimentar a saudade. Já conheci alguns brasileiros que, pelo facto de não controlarem internamente a saudade, foram vencidos por ela, pelo apelo da terra, e voltaram para o seu país de origem”.

Esta ideia da gestão da saudade retirou-a da sua própria experiência como imigrante chegado à Universidade de Coimbra, em 1991. Com a partida do Brasil, “[a saudade] adensou-se de sobremaneira depois de sair”. Quando chegou a Portugal, encontrou o Cláudio e o Ângelo, dois colegas brasileiros que também estavam inscritos no mestrado.

O Cláudio não aguentou a saudade e regressou ao Brasil, acabando por não concluir o curso.

3.4.2. A alimentação e o futebol enquanto mecanismos de gestão das pertenças identitárias

A identificação com a cultura de origem é enfatizada através da menção de alguns alimentos, nomeadamente a picanha, bebidas: a caipirinha, desportos: o futebol. A alimentação estabelece, no fundo, um elo de ligação entre as duas margens. O mesmo se sucede com o futebol, que serve de catalisador entre as duas culturas: a de origem e a de chegada.

Márcio reforça, neste sentido, a importância da picanha na sua dieta quotidiana: “Tenho necessidade da picanha, por exemplo, mas não preciso ir ao restaurante, picanha compro”, e como um meio de inclusão dos sujeitos no contexto social:

“[...] hoje em dia a picanha é um caso de sucesso. E mais, serve como factor de integração entre amigos e família, fazer o “picanhão” [...] toda a gente gosta da minha caipirinha, há pessoas que vão lá em casa só por causa da minha caipirinha”.

Mas, como vimos, Márcio não recorre ao encontro com brasileiros para celebrar, com caipirinha e picanha, a cultura de partida. Questionado sobre se costuma ir a algum bar para beber caipirinha, responde que “Não, eu sei que a do bar é pior que a minha”.

O futebol é um dos recursos de que Márcio se serve não para se manter ligado à cultura de origem, mas, antes, para reforçar a sua identificação com a sociedade e a cultura da cidade onde habita hoje, sendo aí dirigente associativo “[...] como sabes sou dirigente do União de Leiria, portanto tenho a minha “costelinha” lá do Brasil. [...] não vou acompanhando o campeonato brasileiro, quando é a selecção, acompanho, acompanho mais o campeonato português que o brasileiro”.

Apesar de ser o Benfica o clube mais mediatizado no Brasil, Márcio refere que a sua escolha pelo Sporting, também clube desportivo português, deu-se por uma questão de simpatia. Em termos globais, assume-se como sportinguista e leiriense: “[...] sou do Sporting ... e do Leiria”.

3.5. O projecto de vida transformado

O seu projecto de vida inicial passava por Portugal e pelo regresso ao Brasil. A emigração, na concepção de Márcio, está associada à busca de condições económicas

promissoras, embora considere que não tenha sido esse o motivo que o trouxe a Portugal:

#[...] eu queria ir e voltar, mas voltando para assumir uma posição de destaque. Eu não tinha esse espírito de Bruce Chatwin, ou seja de sair, da aventura. Aventura tudo bem, mas também voltar com a tal posição de destaque, eu penso que a imigração está associada para todos de natureza socioeconómica. [...] Quer queiramos, quer não a saída voluntária, o exílio voluntário está associado a razões pecuniárias, de natureza económica, uma natureza socio-económica, que não foi o meu caso”.

O projecto de vida de Márcio começa a alterar-se a partir do momento que a sua disposição se configura: construir uma vida em Portugal. Neste sentido, as vivências de Márcio que foram sendo geridas mental e emocionalmente, na cultura de chegada, despoletam todo um processo de conscientização sobre o projecto de vida que se reconstruiu:

“[...] eu fui gostando da vida que fui levando, não é? Lá está, e é uma fase crucial [...] fazia distinção entre nostalgia e saudade, nostalgia enquanto distância espacial e saudade como distância temporal. Foi a partir daí que eu, de certo modo, também no processo de construção da minha vida enquanto professor, porque eu também gostei de ser professor”.

A questão profissional deu a possibilidade de Márcio projectar um futuro diferente. O ensino superior foi, neste sentido, um impulsionador de mudança: “[...] foi o ISLA que fez com que houvesse essa construção, reconstrução de mim mesmo. Gostava de ser professor e gostei na altura”.

Ser economista nem sempre foi ambição de Márcio. Esta vontade despoletou-se já Márcio se encontrava a meio do curso superior. A tomada de decisão pelo curso passou, em primeira instância, pelas ciências naturais, mas a favor da opinião do pai que dizia: “Meu filho, isto não tem futuro nenhum... [...]”, a sua escolha reformulou-se: a oceanografia, e novamente o pai dizia: “Ah! Isso não dá emprego!”. A determinada altura, Márcio havia escolhido o curso:

“Foi aí que me decidi a ir para economia porque teria mais margens para o trabalho! Quando eu entrei para a universidade não queria ser economista, mas desenvolvi o gosto pela economia, com professores. Depois houve outros professores que acabaram por me incutir o gosto”.

O oblato: “*Eu não sinto saudades do Brasil*”

Da cultura de origem, Márcio tem a pretensão de dar a conhecer à filha apenas a família.

“[...] a única coisa que eu fazia bom gosto que ela conhecesse era a família [...] a família toda brasileira ainda não conhece. [...] Era para voltar este ano [ao Brasil], mas não vou. Mas sim, tenho que lá ir. Eu não sinto saudades do Brasil, para mim é uma grande seca ir para o Brasil nas férias. Porque assim como há o turismo religioso, o turismo cultural, há o turismo familiar, ou seja, quando vou tirar férias para o Brasil, para além de ser umas férias caras, se for eu mais a minha mulher só de despesa de passagem aérea, sai caro. E quando chego ao Rio é cumprir a missão familiar de visitar os meus tios, a minha avó, a minha mãe, é importante mas é uma seca [risos].

Existe, de certo modo, uma rejeição de Márcio no que se refere à primeira margem, atendendo a que o regresso é encarado apenas como a concretização de uma missão familiar, quase como o cumprimento de uma promessa ou de uma ética pessoal:

“Eu não sinto saudades do Brasil, para mim é uma grande seca ir para o Brasil nas férias. Porque assim como há o turismo religioso, o turismo cultural, há o turismo familiar [...] E quando chego ao Rio é cumprir a missão familiar de visitar os meus tios, a minha avó, a minha mãe, é importante mas é uma seca [risos]”.

Quando viaja para o Brasil, Márcio refere que transporta consigo a cultura portuguesa. E um dos elementos com que entra em choque cultural é com essa disposição social do povo brasileiro, que não apresenta qualquer impedimento em falar com os desconhecidos no imediato.

A representação que existe, por parte dos portugueses, relativamente ao povo brasileiro, tem uma conotação positiva: “É um povo simpático, muito extrovertido, obcecado pelo futebol e pelo samba”. Embora Márcio não seja um especial admirador da cultura sambista considera que “Uma coisa é certa: o brasileiro é mais falador, mais expansivo”.

Levado a falar da sua identificação com o samba, é peremptório na resposta e situa-se bem na cultura portuguesa quando diz “nós, cá em Portugal”:

Não, nem pouco mais ou menos [não gosta] [...]. Claro, nem todos os brasileiros sambam. Nem todos os brasileiros são simpáticos. Quando dizem assim: *todos os brasileiros são simpáticos*, eu começo a fazer uma regressão na memória e penso cá comigo: *há tanto brasileiro antipático* [risos]. Mas, uma coisa é certa, uma coisa encaixa-se mais: o brasileiro é mais falador, é mais extrovertido, mais expansivo. Também, lá está... eu quando chego ao Brasil, por exemplo, já chego com esta cultura de cá, imbuído desta mentalidade, desse comportamento. E, quando eu chego ao Brasil, a mim mete-me alguma confusão a quantidade de pessoas que se metem comigo, não é só comigo, é com toda a gente. Tu estás numa paragem de autocarro,

num semáforo, as pessoas metem conversa contigo e se tiverem que falar da vida delas, falam. Isto sim é, de facto, uma característica marcante. O brasileiro é mais expansivo, fala mais e é mais... líder, e isso eu acho que também uma boa parcela da culpa disto está na forma em que nós, cá em Portugal, utilizamos os pronomes, o *tu*, o *você*, por aí fora... a distinção entre *tu* e o *você* cria grandes barreiras. Lá no Brasil toda a gente diz “*você*” [...] No Rio Grande do Sul é “*tu*” para toda a gente. [...] E então, essa desconfiança à priori, a falar em Portugal, que nós temos de saber de como é que o outro nos vão receber é impeditivo, funciona como barreira, enquanto no Brasil não. No Brasil, eu sei que se me dirigir a alguém, esse alguém não vai achar estranho, não vai sentir que foi desrespeitado... enfim, é normal...

Para Márcio, o projecto de muitos dos imigrantes passa por emigrar, economizar e regressar ao país de origem:

“[...] esses brasileiros que aí estão só querem amealhar o dinheiro que conseguirem para depois voltarem. Por acaso até gostava de ouvir uma entrevista de um brasileiro dessa nova vaga de imigração, recém-chegado, o que ele pensa, o que é que ele quer...”.

Este acabou por não se o projecto pessoal de Márcio que acaba por se identificar, cada vez mais, com a cultura portuguesa, onde está bem enraizado, na cidade de Leira, não sentido, sequer, saudades do Brasil.

4. Nota conclusiva

Na investigação onde se insere este estudo de caso, encontramos diferentes modos de gerir as identificações pessoais numa trajectória complexa que aqui analisamos e denominamos, de forma simplificada, entre a primeira e a segunda margem culturais (SERRES, 1993; VIEIRA, 2009). Centrando-nos nas especificidades e singularidades de cada sujeito, tentámos compreender a forma como cada um gere as suas subjectividades numa realidade diferente da de onde partiram, e que hoje habitam, embora uns optem por se identificar mais com uma das margens e outros por reconhecer em si as múltiplas referências que experimentam entre margens.

No caso que aqui apresentamos, a primeira margem cultural é o Brasil mas é na segunda, Portugal, que Márcio acaba por investir identitariamente, a ponto de, explicita ou implicitamente, criticar a da cultura primordial, e idealizar a cultura de acolhimento, que assume hoje como sua, vestindo, modelarmente, e muitas vezes, o oblato como resultado-processo, em dado momento, da metamorfose identitária.

O processo identitário é um caminho de aprendizagens constantes, de “geometria variável” (CUCHE, 1999), onde o projecto, sempre inacabado, nos pode centrar mais no partir para não voltar ou para voltar, ainda que reconstruídos, como um outro mais mestiço (LAPLANTINE; NOUSS, 2002) e compósito (MAALOUF, 2002). No caso aqui estudado, o self investigado e pensado identifica-se, cada vez mais, com a cultura de acolhimento, renegando a de origem, e tornando-se no que designamos de oblato.

Referências bibliográficas:

- BURGESS, Robert. *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora, 2001a.
- BURGESS, R. Métodos de pesquisa de terreno II: As entrevistas como conversas. In: BURGESS, R. *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora, 2001b, pp. 111-133.
- CAMILLERI, C. *et al. Stratégies Identitaires*. Paris: PUF, 1997.
- CAMILLERI, C. La culture et l'identité culturelle: champ notionnel et devenir. In: CAMILLERI, C.; COHEN-EMERIQUE, M. (Dir.) *Chocs de cultures: concepts et enjeux pratiques de l'interculturel*. Paris: L'Harmattan, 1989, pp. 21-73.
- CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século, 1999.
- DUBAR, C. *La Crise des Identités. L'interprétation d'une Mutation*. Paris: Presse Universitaires de France, 2000.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1992.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- HALL, S. *Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- ITURRA, R. *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra: Ensaio de Antropologia Social sobre o Insucesso Escolar*. Lisboa: Escher, 1990.
- LAHIRE, B. *O Homem Plural*. S. Paulo: Ed. Vozes, 2002.
- LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. *A Mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MAALOUF, A. *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel, 1998.
- SARUP, M. *Identidade, Cultura e o Mundo Pós-moderno*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996.
- SERRES, M. *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- STOER, S. R.; MAGALHÃES, A. *A Diferença Somos Nós – A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- VIEIRA, R. *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições, 1999a.
- VIEIRA, R. *Histórias de Vida e Identidades – Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1999b.
- VIEIRA, R. *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Porto: Editora Afrontamento, 2009.
- VIEIRA, R. *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- VIEIRA, R.; TRINDADE, J. Migration, Culture and Identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, v. 8, n.º 1, pp. 36-49, 2008.

VIEIRA, R.; MENDES, M. Identity Reconfiguration of Immigrants in Portugal.
Diversity, v. 2, n.º 7, pp. 959-972, 2010.
WIEVIORKA, M. *A Diferença*. Lisboa: Fenda Edições, 2002.